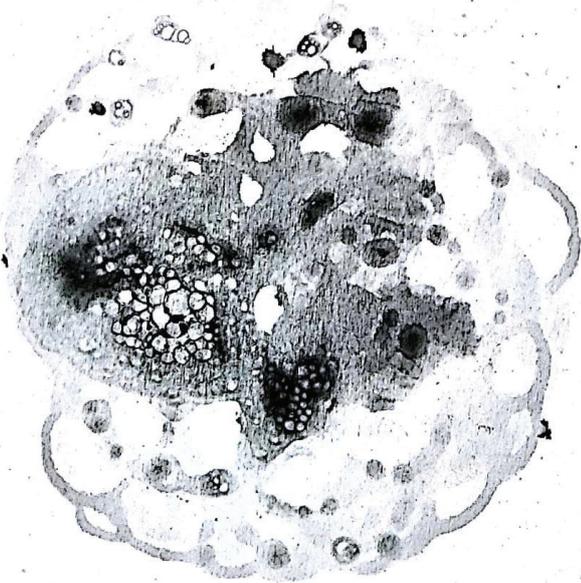
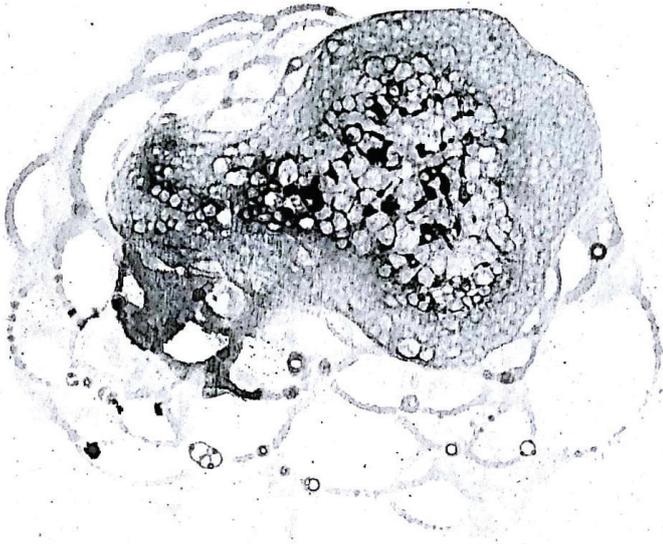


Valeria León **Coletar Espumas de mar.**
Vásconez >

> Artista e pesquisadora, dedica-se a mapear relações entre corpo e meio ambiente, e a prática performativa como metodologia de investigação e criação artística. É Mestra em Artes pela Universidade Federal do Ceará e Diplomada em Artes pelo Instituto Superior de Artes de Toulouse. É professora de arte para crianças no Equador.
E-mail: valeon_01@hotmail.com

“O ar, o elemento incompreendido, acha meios
e caminhos para se infiltrar em lugares onde
ninguém conta com a sua presença; mais ainda,
pela sua própria força acondiciona lugares
esquisitos ali onde antes não existia nenhum.
Como rezaria pois, uma primeira definição da
espuma? Ar em lugar inesperado?¹
Peter SLOTERDIJK



ESCUTAR O COMEÇO E O FIM DE UMA ONDA

A onda vem do lado direito.
Está vindo.
O som que constitui a sua quebra é cada vez mais forte.
É uma quebra sequencial,
um desmoronamento progressivo do mar,
que começa longe, se aproxima, me perpassa e se afasta.

A onda em ruína se desmorona na nossa frente, nos nossos ouvidos,
mas não para.
Segue o seu próprio ritmo, constante.
Segue até misturar seu quase homogêneo som de ruína,
com o som de uma onda passada,
de um desmoronamento menor,
de um pó menor.
De um pó a cada vez menor.
E me pergunto:
Qual é o som da poeira da ruína?
Qual é o som da poeira da ruína da onda?
Qual é o som da poeira da ruína da onda do mar?
Qual é o som do mar?
Qual é o teu som?

Percebi que são todas perguntas diferentes, e por enquanto, sons diferentes.

O som da poeira da ruína do mar é a impossibilidade de escutá-lo,
e não só porque seja microscópico, mas porque o mar está o tempo todo se desmoronando.

Porque o som do mar é o som deste desmoronamento constante do mar.

O som do mar é o som desta decomposição constante, interminável.

Construção enquanto destruição, destruição enquanto construção.

Ruína que vira ruína antes de terminar de ser erguida.

Organização-reorganização-desorganização.

Monumento que é ruína durante seu erguimento.

Ruína perfeita, monótona, homogênea.

O som do mar é, de fato, a impossibilidade de escutar o fim do som da ruína do mar.

O som do fim da ruína do mar, é o som da poeira do mar.

Porque, qual é o fim de uma ruína se não é o pó?

E até quando podemos ouvir uma ruína?

Até quando podemos nós decompor em pedaços?

Pedaços que viram areia,

areia que vira

pó

pó, que vira pó menor.

Menor?

Ruína que precisa ser sentida mais de perto.

Ruído de pó se destruindo, espuma de mar explodindo.

Ruína que está o tempo todo sendo ruína, se em-ruinando,
se juntando, voltando a ser construção, re-solidificação/
re-liquidificação.

E assistimos de novo a nosso desmoronamento constante
pois, ouvindo de perto, a ruína anterior

(ou a mesma?), foi se tornando a cada vez mais imperceptível
para nós, a cada vez mais abafada pela nova ruína.

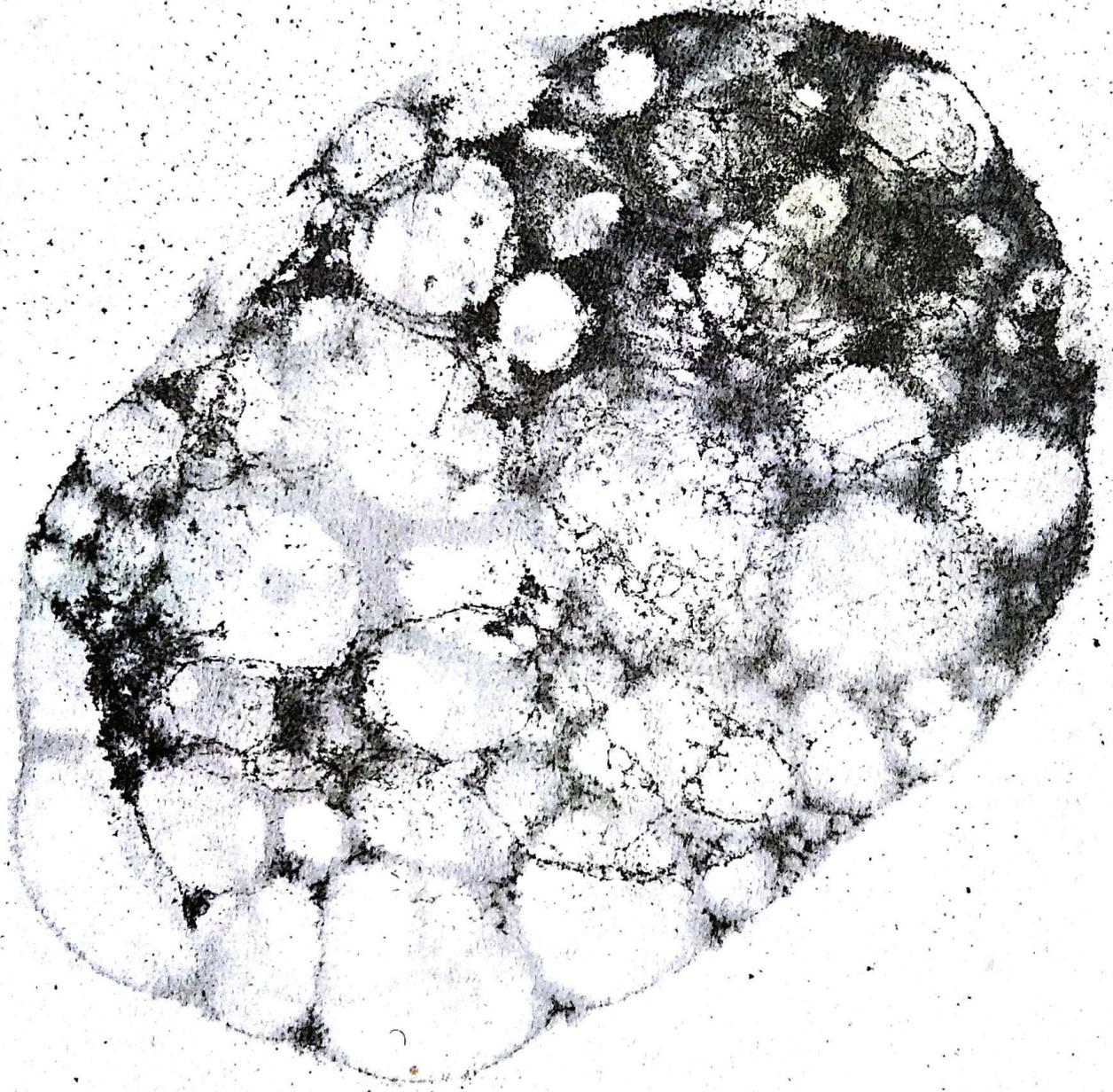
Pois continuamos, com o nosso olhar/ouvido sendo ruína/
ruído,

nos em-ruinando, celularmente, molecularmente.

A onda/ruína acaba/começa se juntando inconstante, invariável,
devota e precisa a uma onda maior. À uma onda/ruína maior,
à uma onda/ruína a cada vez maior, já conformada por inúmeras
ondas/ruínas em desmoronamento.

E a cada vez que uma/umas ondas/ruínas chegam lá na beira,
a cada vez que a espuma do mar volta para o oceano, um
corpo em desconstrução está se somando a um corpo em construção,
que está se desconstruindo até virar novamente
pó de ruína,

pó de mar,



espuma de mar

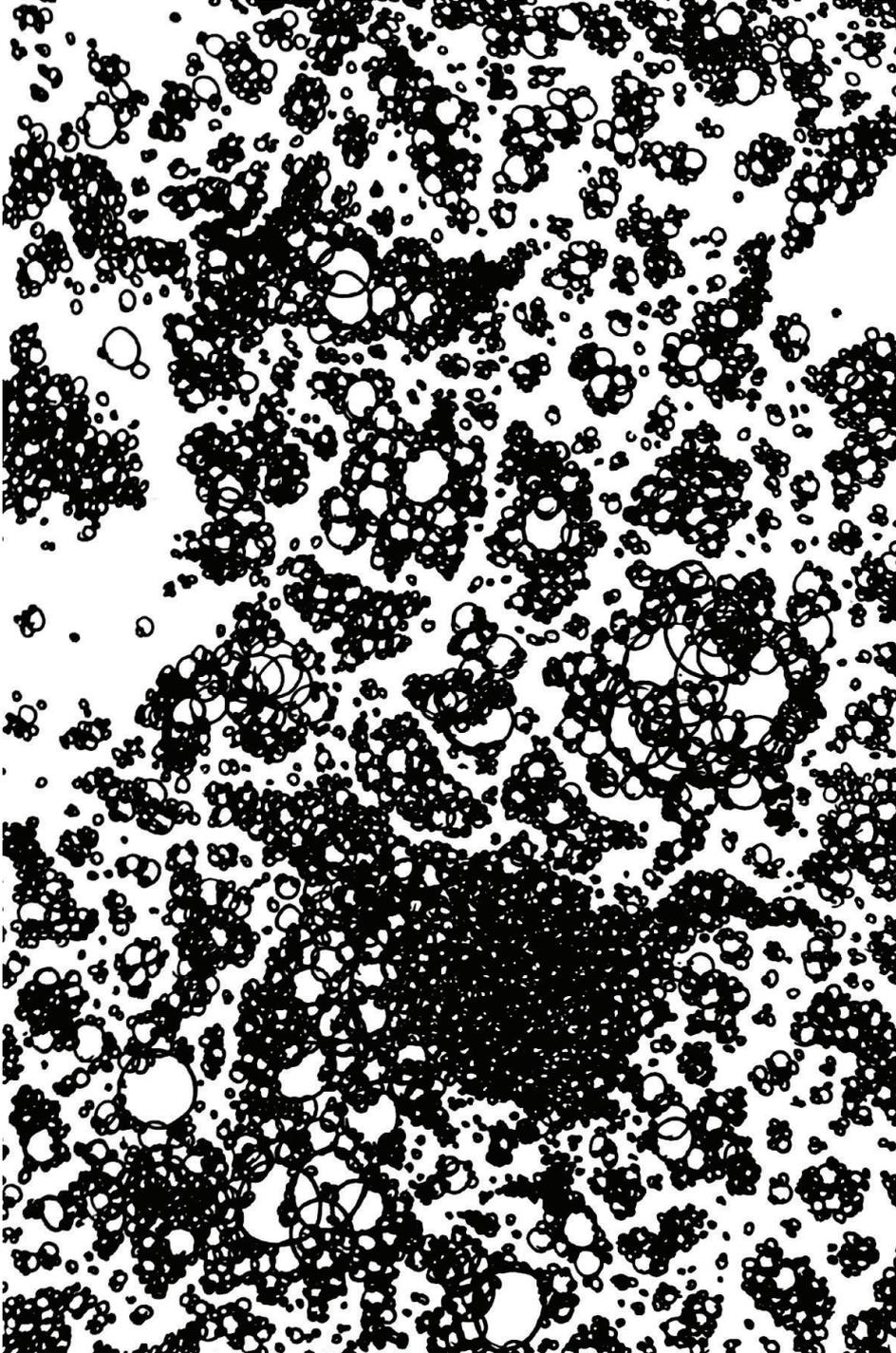
D
I
A
G
R
A



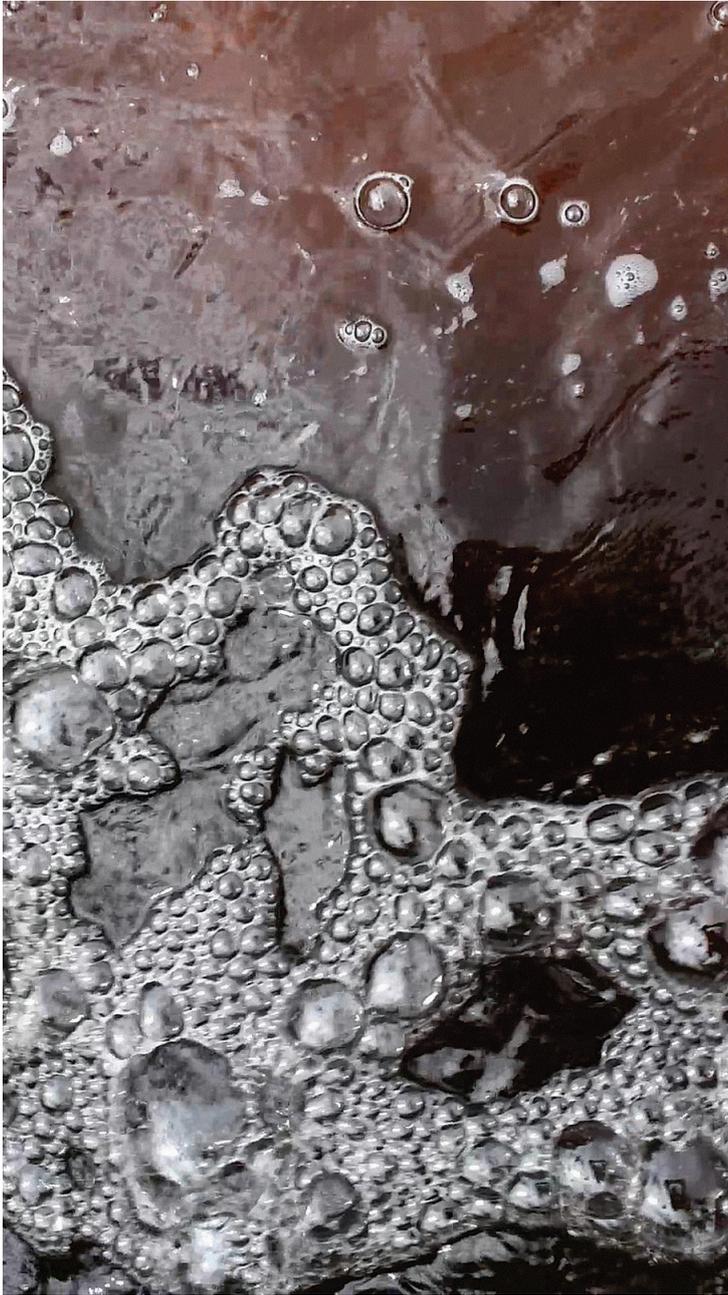
A
M

DA ESPUMA

Tudo é espuma, tudo é "ar em lugar esperado"²,
desde a água: espuma nova e fluida; até a pedra:
espuma velha e dura; passando por várias etapas de
condensação da matéria.

















Tudo é espuma, tudo é “ar em lugar esperado”²,
desde a água: espuma nova e fluida; até a pedra:
espuma velha e dura; passando por várias etapas de
condensação da matéria.

Referências

- 1 SLOTERDIJK Peter, **Esferas III, Espumas, Esferologia plural**.
Edições Siruela, 2006. T.N, p. 28.
- 2 SLOTERDIJK Peter, **Esferas III, Espumas, Esferologia plural**.
Edições Siruela, 2006. T.N, p. 28.
- 3 SLOTERDIJK Peter, **Esferas III, Espumas, Esferologia plural**.
Edições Siruela, 2006. T.N, p. 29.